

## LÁ, ATENUADOR EM INTERAÇÕES INFORMAIS DO PORTUGUÊS EUROPEU

MARIA ALDINA MARQUES<sup>1</sup>, ISABEL MARGARIDA DUARTE<sup>2</sup>

**ABSTRACT.** *'Lá', mitigation marker in informal interactions in European Portuguese.* Lá is a deictic locative adverb that refers to a space far from the speaker and the hearer, usually outside both field of vision. Based on an enunciative-pragmatic approach we analyse, in informal conversations (corpus: *Perfil sociolinguístico da fala bracarense* and *C-ORAL-ROM*), occurrences of a pragmatic usage of 'lá' as linguistic attenuation, leaving aside other values. In what concerns attenuation of the speaker, we analyse the effect of 'lá' in assertive acts: its contribution to either epistemic or evaluative modality. With respect to attenuation of speaker-listener relationship, we analyse the pragmatic value of 'lá' in directive and expressive acts.

**Keywords:** *'Lá', deictic, pragmatic usage, mitigation, informal interaction, oral corpora.*

**REZUMAT.** *„Lá”, marcator de atenuare în interacțiuni informale în portugheza europeană.* „Lá” este un adverb locativ deictic care se referă la spațiul aflat departe de locutor și de interlocutor, de obicei departe de câmpul vizual al ambilor. Folosind o abordare pragmatică și enunțiativă, analizăm utilizări pragmatice ale adverbului „lá” în conversații informale (corpus: *Profil sociolingvistic al graiului din Braga* și *C-ORAL-ROM*), în special întrebări cu valoare de atenuare, neluând în considerare celelalte valori pragmatice. Dintre strategiile de atenuare folosite de locutor, analizăm efectul particulei „lá” în acte asertive, în cazul modalității epistemice și a celei evaluative. În ceea ce privește atenuarea în relația vorbitor-interlocutor, analizăm valoarea pragmatică a particulei „lá” în acte directive și expresive.

**Cuvinte cheie.** *„Lá”, deictic, întrebare pragmatică, atenuare, interacțiune informală, corpusuri orale.*

---

<sup>1</sup> Maria Aldina Marques é Doutora em Ciências da Linguagem (2000); é professora auxiliar no Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho. Áreas de investigação: análise do discurso, especialmente o discurso político e a análise da conversação. Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos. E-mail: [mamaques@ilch.um.pt](mailto:mamaques@ilch.um.pt)

<sup>2</sup> Isabel Margarida Duarte é Doutora em Linguística (2000) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde é Professora Associada de Linguística. Áreas de investigação: pragmática, análise do discurso, ensino do Português, linguística contrastiva Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Centro de Linguística da Universidade do Porto E-mail: [iduarte@letras.up.pt](mailto:iduarte@letras.up.pt)

## 1. Introdução: os deíticos espaciais em Português Europeu

Regressamos, neste trabalho, mais uma vez, à análise das características dos deíticos espaciais em português europeu (Duarte, 2009, Duarte & Marques, 2014, Marques, 2016), para nos centrarmos em usos específicos de *lá*, deítico, mas também *partícula pragmática* ao serviço da construção da subjetividade, nomeadamente, como instrumento de atenuação. Partimos, desde logo, do reconhecimento da polifuncionalidade desta unidade linguística, algo que é, de facto, uma questão fundamental que sempre se coloca em qualquer processo de categorização das chamadas *partículas* ou *marcadores discursivos* nos seus usos tão diversos<sup>3</sup> (Zorraquino & Portolés, 1999: 4057). Por uma questão de simplificação da designação, falaremos de *lá* como deítico, ainda que claramente o não seja em determinados contextos, mormente nos que aqui mais nos ocupam<sup>4</sup>.

## 2. Quadro teórico e metodológico

Este trabalho tem como base de investigação vários *corpora* do português oral de dimensões diversas: um construído no âmbito do projeto *Perfil sociolinguístico da fala bracarense*<sup>5</sup>, o segundo, o C-ORAL-ROM, um *corpus* de interações verbais orais coloquiais, um terceiro *corpus* elaborado a partir da gravação de aulas no ensino superior e, finalmente, um quarto de transcrições de conversas entre amigos. Estes dois últimos *corpora* foram realizados por

---

<sup>3</sup> Segundo Ch Janet, « Connecteurs et particules ont donc en commun le fait de constituer des unités non référentielles (n'ayant pas un signifié dénotatif mais plutôt instructionnel), et le fait d'agir sur les représentations cognitives construites par le discours, et dans la construction de ces représentations. Ces « marqueurs » donneraient des instructions sur la manière dont les interactants peuvent co-construire des représentations, les modifier, et les ajuster les unes aux autres (Janet, 2001a). Autrement dit, les marqueurs discursifs n'interviendraient pas nécessairement dans la construction discursive d'un univers de référence, mais pourraient donner des indications sur la manière de construire cet univers, et, de façon plus générale, sur les opérations cognitives à conduire par les interactants dans l'activité discursive pour optimiser la communication. » (Janet, 2003: 3)

<sup>4</sup> *Lá* tem em português usos que não ocorrem, por exemplo, com *allá*, em espanhol, segundo Beata Brzozowska-Zburzynska (2005), que limita *allá* a um advérbio de lugar, marcando a exterioridade e afastamento em relação ao espaço do locutor, e que pode ser acompanhada de um valor aproximativo: "Otro uso del deíctico *allá* que podemos destacar es en el que el hablante indica el lugar considerado de forma imprecisa." (2005: 74). Do mesmo modo, a série *cá-lá* mantém uma oposição que parece ter desaparecido da série francesa, onde *ici* é mesmo considerado, por alguns autores hipónimo de *là*. Segundo a mesma autora (2005: 78) "L'opposition entre *ici* et *là* tend à s'effacer et n'est pleinement sensible que lorsque les deux mots figurent dans la même phrase; si celle-ci ne contient qu'un seul de ces adverbes, l'usage a tendances à substituer *là* à *ici* dans la désignation du lieu le plus proche: je l'ai vu là, dit-on si l'on se trouve à l'endroit même où l'on a vu un objet (Wartburg & Zumthor, 1973: 729, citado em Smith, 1995: 44)". Para finalizar, traz a opinião de Kleiber (1995: 25) sobre *là*: « a) *là* est un adverbe anaphorique, qui ne s'emploie qu'en connexion avec une situation activant déjà la notion de lieu, soit pour renvoyer à un lieu déjà saillant (explicite ou implicite), soit pour introduire un lieu nouveau. b) *là* dénote la catégorie des référents spatiaux."

<sup>5</sup> Projeto financiado, com a referência FCT PTDC/CLE-LIN/112939/2009.

estudantes de licenciatura e de mestrado, da Universidade do Minho e da Universidade do Porto<sup>6</sup>, no âmbito de unidades curriculares diversas e sob supervisão dos respetivos docentes. Este conjunto de *corpora* é constituído por géneros do oral, que apresentam, em diferentes graus e de modos diversos, marcas de registo informal, coloquial.

Traçámos como objetivo geral a determinação das características semântico-pragmáticas do funcionamento de *lá*, em usos que, como refere Chanet (2003: 3) dão informação “... sur les opérations conduites par le locuteur dans la construction de son discours”. Pretende-se, assim, responder a questões relativas ao contexto em que ocorre, aos elementos linguístico-discursivos com os quais se combina, na relação com as funções que desempenha.

Selecionámos, como vertentes fundamentais, a análise dos funcionamentos de *lá* em ligação com a relação interpessoal construída no discurso, em função, nomeadamente, de posicionamentos de proximidade ou afastamento assumidos pelo locutor, do conhecimento partilhado, do conteúdo temático e do dizer do locutor, aqui com atenção à dimensão ilocutória, em particular no que concerne a atos diretivos e assertivos. Como foco da nossa abordagem, consideramos o funcionamento desta unidade - *lá* -, no âmbito dos estudos sobre atenuação linguística (Briz, 2013; Briz & Albelda, 2013)<sup>7</sup>, secundarizando, por conseguinte, outros valores de *lá* que identificamos, mas não exploramos.

Faremos a análise a partir de uma perspetiva teórica enunciativo-pragmática. A teoria da dêixis, tal como foi desenvolvida desde Bühler a Benveniste e seus sucessores, Ducrot, em particular, é o ponto de partida para a análise de usos de *lá* com valores deícticos e não deícticos, que não tomámos como duas vertentes estanques, antes assumimos que se caracterizam quer por funcionamentos gradativos, situados numa espécie de *continuum*, quer por uma confluência de valores em cada uso, característica típica dos marcadores discursivos e que justifica que o abordemos globalmente.

Em ligação com o seu estatuto de deíctico, *lá* é uma “partícula discursiva” ou marcador discursivo<sup>8</sup> que deve ser analisado no âmbito da

<sup>6</sup> Foram usados vários sistemas de transcrição dos corpora, entre eles o sistema VAL.ES.CO (Briz, 2013).

<sup>7</sup> Segundo Briz, “A atenuação linguística relaciona-se sempre com a eficácia e com a atividade argumentativa [...] é uma atividade argumentativa (retórica) e estratégica de minimização da força ilocutória e do papel dos participantes na enunciação, para conseguir chegar-se com sucesso à meta prevista e que é usada em contextos situacionais, com menor carácter imediato ou que requerem ou se deseja menos imediatez comunicativa”. (Briz, 2013: 283-284, itálico nosso)

<sup>8</sup> São variadas as definições de marcador discursivo (MD). Veja-se, Push (2007: 1): “...les MD, en tant que marqueurs pragmatiques, font généralement appel à une situation d’interlocution en explicitant ou en commentant sur les relations qui existent entre le locuteur, son interlocuteur et le contenu propositionnel de l’échange communicatif. Les connaissances partagées par les interlocuteurs, les éléments du savoir non partagés et introduits dans le discours au fur et à mesure que se développe la dynamique communicative, et les évaluations modalisantes

interação discursiva em que ocorre, de acordo, aliás, com o quadro teórico que adotamos e que acentua a importância do conceito de gênero discursivo para a análise do funcionamento da língua, nomeadamente enquanto este determina a dinâmica discursiva conversacional e a regulação da relação interpessoal. O posicionamento enunciativo do locutor face ao alocutário, ao ato de dizer e ao dito é determinante para a análise de *lá* na sua globalidade.

### 3. Da série *cá* e *lá*. Estudos prévios.

Em Português, os deícticos espaciais estão organizados em duas séries fundamentais<sup>9</sup>, uma tripartida: *aqui, aí, ali (acolá)* e outra bipartida *cá* e *lá* (Marques, 2016). O foco do nosso interesse é o deíctico *lá*, na relação necessária que estabelece com *cá*, mas também com os elementos da outra série, em usos que os aproximam<sup>10</sup>. Cabe aqui uma reflexão sobre as características de localização indicial da série *cá-lá*, na relação que estabelece com as pessoas da enunciação. A *Gramática do Português* (2013: 1618) sintetiza estes valores:

[...] a série *cá-lá* tem como centro deíctico apenas o falante, distinguindo-se assim da série cuja âncora é *aqui*; representa apenas dois espaços ou lugares, um no qual se localiza o falante (ou que está perto dele) e outro afastado do falante, no qual se localiza potencialmente uma terceira entidade – e também o ouvinte, que é perspectivado de modo idêntico a uma terceira pessoa: cf *cá na minha casa, as regras são estas; lá {na tua casa/na casa dela}, as regras são outras*.

Ora parece-nos que há aqui algumas questões que devem ser perspectivadas. Em primeiro lugar, o conceito de *centro deíctico*, que não pode ser definido sem ter em consideração o alocutário. *Cá* não é apenas “o lugar onde se localiza o falante”, mas o espaço dos interlocutores. O que não existe é a demarcação do espaço do alocutário unicamente. E *lá* também não é o espaço do alocutário. Os exemplos apresentados confundem a localização do objeto com a relação de posse que com ele estabelece o interlocutor considerado e o lugar em que se encontra(m). Assim a *cá na minha casa* poderemos opor *lá na minha casa*, do mesmo modo que a *lá na tua casa*

---

portées à ce réseau de connaissances et manifestations mutuelles constituant autant de points d'appui pour l'insertion de MD. Il faut se rappeler qu'une des fonctions de base des MD est justement celle de porteurs du sens subjectif/intersubjectif (...) qui existe, au-delà et en parallèle au sens propositionnel, dans tout échange communicatif naturel et spontané”.

<sup>9</sup> Existe ainda a série *aquém-além*, de uso bem mais limitado e menos frequente.

<sup>10</sup> Na análise do sistema deíctico espacial português, nas variantes do português europeu e do português brasileiro, salientam-se, entre outros investigadores, Franco (1991), Fonseca (1996), Teixeira (2005), Pereira (2009).

podemos opor *cá na tua casa*. O espaço do interlocutor pode ser designado por *cá/aqui*, se é uma interação presencial ou por *aí*, se não for presencial. Não poderá ocorrer nunca “lá na tua casa, onde tu estás neste momento”.

Como mostra Teixeira (2005) “... *cá*, como espaço do LOC, nunca se pode opor a *lá* como *espaço situacional* do ALOC, mas a *aí*”. Este autor, analisando os funcionamentos de *cá* e *lá*, apresenta, em síntese, um eixo semântico-pragmático de espacialidade, “sem fronteiras marcadas” e que “implica grande espaço abarcado”; “não submetido ao parâmetro da visibilidade (o que implica menor acessibilidade)” e que “por isso tende a não coincidir com um ponto”, não sendo “consequentemente, apontável”, ao contrário do que ocorre com *aqui, aí, ali*.

### 3.1. Lá: valores indicial e textual

As duas séries de deíticos espaciais a que nos referimos têm como valores nucleares uma função deítica exofórica ou deítica primária, a par de uma função textual, endofórica, ou deítica secundária (Fonseca, 1996). A distância relativa ao espaço geográfico determinado por *lá* é em função da acessibilidade que o locutor lhe atribui, na negociação que estabelece com o seu alocutário. Assim, para os enunciados “O carro está *ali* ao fundo” e “O carro está *lá* ao fundo”, a continuidade sequencial preferencial torna mais provável para o primeiro caso “são só cinco minutinhos a pé” e para o segundo “ainda são cinco minutos a pé”, em função da “acessibilidade” maior ou menor que o locutor respetivamente lhes atribui.

Enquanto elemento da série deítica *cá-lá, lá* tem como valor básico a marcação do espaço outro, exterior (1), por contraste com o espaço da enunciação, o espaço do(s) (inter)locutor(es) representado por *cá* (2):

(1) Prof: atenção. meninas aí. vá lá. (03:18) não vêm à aula. eu acho que *lá fora* estavam mais alunos. perderam-se pelo caminho. (*corpus CP*, 2014)

(2) RAQ - que eu não sei se aquilo ainda está a dar / se não// que ele /ao princípio/ dizia // "ah pois //eh / pois // nós *lá* / aquilo é + o pessoal estuda o texto/ mas quando sai assim espontâneo /fica logo//  
NUN - fica logo//  
RAQ - *cá* não //se falha qualquer coisa /volta atrás //e à terceira vez /já não há espontaneidade que resista" // C-ORAL-ROM: pfamcv10)

A par destes usos exofóricos, indiciais, a *déixis espacial* participa da organização discursiva, enquanto *déixis textual* (3) e (4), em funcionamentos anafóricos que remetem não só para o espaço-tempo do texto-discurso, mas também em usos que mostram o processo de estruturação cognitiva em

momentos de maior dificuldade de verbalização (5), um uso que retomaremos a propósito da linguagem vaga a que *lá* aparece estreitamente ligado<sup>11</sup>.

(3) Ainda bem, que eu eu é muito raro ir a *shoppings*. [...] agora, por norma, só andar *lá* para passear •• isso não. 58M2B

(4) I: •• Só. •• Se queremos ser físicos teóricos, tudo bem, estamos no sítio certo, •• se queremos enveredar por outras áreas da Física, •• já não. •• Mesmo a própria Física experimental, sei lá se eu/ ••• imaginemos, se eu agora decidisse pedir uma bolsa de investigação para o CERN, •• para ir ao CERN passar *lá* •• três meses a investigar o bóson de Higgs, por exemplo, eu não/ eu ia chegar *lá* não ia conseguir fazer nada, porque não tenho preparação prática nenhuma. (51M1C)

(5) •• ((hesitação)) As duas •• é que vejo quase sempre: a a ((hesitação))... •• *lá* o ((hesitação))... •• Como é que se chama? A Gabriela e a e a outra. (76M3D)

Considerámos separadamente os valores deícticos exofóricos e endofóricos de *lá*, mas é importante ter em conta que estes valores não são estanques. Quer os valores temporais quer os espaciais surgem muitas vezes agregados a outros valores claramente subjetivos, implicando uma atitude avaliativa do locutor. Os exemplos (6), (7), (8) e (9) ilustram essa confluência de sentidos, a que voltaremos mais tarde para uma análise mais detalhada:

(6) I: Acho que só *lá* para finais de dois mil e treze. (04H1C)

(7) SAA - então e vocês quando é que /perspectivam /começar a trabalhar?  
ANA- não faço ideia //  
SAA- iá //  
ANA - porque /eles dizem-nos que para novembro/ *lá* para novembro/  
diziam-nos /para novembro /não sei quê /começávamos //só que /nós  
agora /dia três /vamos outra vez para formação// (C-ORAL-ROM: ptelpv07)

(8) CJM - vou reservar uma semana/ para mais tarde//  
ZEB - hum hum// *lá* /para o natal /ou coisa assim/  
CJM - ou para o ano que vem/ (C-ORAL-ROM, pfammn04)

(9) I: ••• Cuidam/ plantam milho, batatas, estamos/ agora estão a plantar as batatas •• e o cebolo. ••• Cuidam *de lá dos campos* •• e do do gado que o meu avô tem, 01H1B

---

<sup>11</sup> Ainda que não abordemos aqui as estruturas cristalizadas com *lá*, vale a pena referir a função de organizador discursivo, neste caso de *vá lá ver*, como no exemplo: “E: Não é depois onde tem o McDonalds? ••• ((hesitação)) /// I: ••• Não, *vá lá ver* brasileira. onde é que é a brasileira? O café Brasileira velha. A Brasileira velha. (32H32).

De facto, nem sempre é possível determinar de modo inequívoco se estamos perante um comportamento de deítico espacial ou deítico textual, ou se se pode considerar *lá* como marcador de afastamento cognitivo, já não deítico. Mas este é, precisamente, o ponto de partida da nossa análise, que reconhece, com base em trabalhos anteriores, a gradatividade e confluência de valores semântico-pragmáticos num mesmo uso de *lá* e num contexto específico (Duarte & Marques, 2014).

### 3.2. Usos (*propriamente*) modais

Esta questão remete-nos para outros estudos, não dos deíticos espaciais em geral, mas apenas de *lá*. Nos anos 90, sob influência dos estudos alemães, António Franco (1991) estuda o que designa por partículas modais (PM), que identifica com elementos como “acaso, afinal, bem, cá, então, já, *lá*, sempre, também (entre outros)” (itálico nosso). Após uma revisão do tratamento dado pela gramática tradicional desde a Idade Média, em termos de categorização, propõe a adoção do termo PM como mais uma categoria morfossintática diversa da categoria advérbio e dedica-se, de seguida, a uma análise dos valores que adquire no enunciado<sup>12</sup> por contraste com trabalhos anteriores que passa em revista.

Como lembra o autor, na gramática tradicional, de acordo com uma perspetiva estritamente referencial do significado, as PMs são partículas “de realce”, considerados “palavras desnecessárias ao sentido”. Ora lembremos desde já que a supressão da “partícula” é um dos testes mais usados para mostrar que *lá* não é, efetivamente, uma partícula meramente expletiva, “desnecessária ao sentido da frase”. Veja-se o contraste entre (10) e (10a):

- (10) E: ••• E com essa idade já fumam?  
 I: É do •• quinto •• ao nono. ••• Até pessoas do sexto, •• vê *lá*.  
 E: ••• Miúdos do sexto?  
 I: ••• Têm *lá* irmãos no oitavo ou no nono. No oitavo ou no nono. Ao fim, eles convencem e eles *lá* vão •• atrás deles. (01H1B)

- (10a) E: ••• E com essa idade já fumam?  
 I: É do •• quinto •• ao nono. ••• Até pessoas do sexto, •• vê *lá*.

<sup>12</sup> Escreve Franco, sobre as PMs: “...caracterizam-se pelo facto de com o seu auxílio o falante exprimir a sua atitude para com o enunciado, procurar (e obter) certos efeitos comunicativos e dar expressão a certas pressuposições (pragmáticas) em relação ao saber do ouvinte quanto a certo estado de coisas, exprimir as suas expectativas e emoções, etc., etc.” (...) As PMs são meios de expressão da atitude do falante e das suas intenções postas em jogo durante a conversação, assinalam a sua reação a actos verbais e/ou a actos não verbais anteriores (...). Sendo assim (...) o termo modalidade desde que tomado em sentido suficientemente lato, compreende e pode ser usado para se referir tanto a essa tomada de posição do sujeito falante para com o que diz, como às suas intenções, enquanto reflectidas, aquela e estas nas partículas empregadas emotivo-conativamente nos enunciados.” (Franco, 1991: 175-195).

E: ••• Miúdos do sexto?

I: ••• Têm lá irmãos no oitavo ou no nono. No oitavo ou no nono. Ao fim, eles convencem e *eles vão* •• *atrás deles*.

E de facto a supressão de *lá* altera a interpretação<sup>13</sup>. *Lá* focaliza um movimento que é abstrato, psicológico, e relativamente ao qual o locutor marca o seu desacordo. Os trabalhos de Franco são, portanto, um avanço relativamente a esta perspetiva tradicional, ainda que não sejam um caso único. Como o próprio autor sublinha (Franco, 1988), deve reconhecer-se a proposta “moderna” de Said Ali (1930) sobre o estatuto das partículas modais. Finalmente, Duarte (2009: 180), retomando algumas das propostas de Lopes (1990), adota, num quadro de análise linguística do texto literário, uma perspetiva enunciativo-pragmática que lhe permite evidenciar outros valores de *lá* (e *cá*) na construção da interação e da relação interpessoal: “...si on a recours à l’analyse des forces illocutionnaires et à l’interaction communicative elles acquièrent beaucoup d’importance”.

Esta linha de abordagem enunciativo-pragmática é continuada em Duarte & Marques (2014); aqui, pela primeira vez a partir da análise de corpora orais, é feita uma abordagem ampla dos usos e funcionamentos de *cá* e *lá*, de que retomamos algumas análises e conclusões, que agora aprofundamos e sistematizamos, no que concerne aos usos da partícula *lá*.<sup>14</sup>

#### 4. Usos e valores de *lá*: da espacialidade à atenuação

##### 4.1. *Lá* e interações discursivas orais

Os valores não deíticos de *lá* estão estreitamente associados a um registo coloquial, ou melhor, a um registo informal com grau maior ou menor de coloquialidade. Said Ali (1930), citado por Franco (1988: 145), é talvez o primeiro linguista a estabelecer uma relação entre *lá* e registos orais informais, ao postular que as partículas são elementos “empregados espontaneamente e com frequência no falar corrente de todos os dias, sobretudo nos diálogos”.

<sup>13</sup> Este exercício de supressão pode não ser aplicável quando estão em causa “locuções” em que *lá* participa: “PAL - e então ela um dia/ quando o João/ ia para se deitar /ela já lá estava deitada na cama dele //porque o João dormia num quarto sozinho //enquanto os outros dormiam/ *lá para* uns estrados /assim por junto /ele tinha /um quatinho cá em baixo sozinho//” (C-ORAL-ROM pfamd112). “*lá para*” é globalmente substituível pela preposição *em*. Mas há, como dizíamos, a mesma alteração nos valores do enunciado.

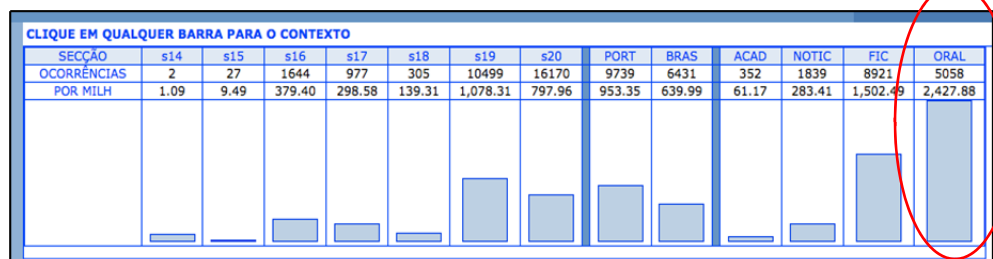
<sup>14</sup> Neste breve percurso pelos estudos do deítico espacial *lá*, é importante referir que quer em Portugal quer no Brasil (Oliveira & Batoréo, 2014; Martelotta *et al.* 1996; Teixeira, 2010; Araújo, 2014), este tem sido objeto de análise, no quadro da linguística cognitiva. Estes autores centram-se no processo de gramaticalização a que *lá* vem sendo sujeito. A distribuição sintática é uma das vertentes mais analisadas, a fim de explicar o processo de gramaticalização, que, segundo estes autores, seria acompanhado de distribuições diferentes de *lá* na frase.



A análise das ocorrências nos *corpora* que usámos mostra a coocorrência frequente de *lá* com outras marcas de informalidade, o que parece confirmar a hipótese deste ilustre linguista. É o caso de enunciados incompletos por inflexão na verbalização de conteúdos, de léxico popular, de formas de tratamento, entre outras marcas, de que os exemplos seguintes dão conta:

- (11) ••• A outra era um bocadinho mais avançada. Não sei, ••• pronto. *Ai, mas eu espero que isto não... Olhe, vocês vejam lá o que estão a pôr aí.* (86M4C)
- (12) ••• amante ou companheiro *ou lá que diabo era*, que eu não sei lá. (88M4D)

Esta intuição de Said Ali é também claramente confirmada pelo *corpusdoportugues*, de Davis & Ferreira de que apresentamos o quadro seguinte:



**Gráfico1.** Ocorrências de *lá* no *corpusdoportugues*, de Davis & Ferreira.

Esta constatação não impede, contudo, que a partícula *lá* ocorra em textos ou discursos em suporte escrito, mas confere-lhe um tom informal, oralizante, que pode ser reforçado por outros elementos do cotexto, como no exemplo seguinte, retirado do *corpus* cetempúblico:

- (13) E para que não restassem dúvidas, *lá* lançou um ataque em forma ao seu irmão-siamês António Guterres. (Cetempublico (par=ext82413-opi-97a-3))

#### 4.2. Lá: linguagem vaga e saber partilhado

Em conexão com este quadro de interações verbais orais marcadas pelo registo mais ou menos informal, *lá* participa numa estratégia deliberada (e consentida) de imprecisão ou indefinição dos conteúdos proposicionais, negociada explicita ou implicitamente pelos participantes na interação<sup>15</sup>, e

<sup>15</sup> De facto, a sobrecarga de pormenores, em interações verbais orais informais, sobre temas “inócuos”, costuma configurar a imagem de um interlocutor maçador. Por outro lado, são raras as ocasiões em que o alocutário pede esclarecimentos adicionais.

permite a ativação de inferências com base num conhecimento representado no discurso como partilhado<sup>16</sup>. Veja-se o exemplo seguinte:

- (14) RIT - portanto não tinha nada a ver com a nossa comida //e depois /também comemos uma moqueca de camarão /que também não tem nada a ver /lá com os óleos de dendê// // (C-ORAL-ROM: pfamd104)

O locutor não dá mais detalhes, porque não são pertinentes para a conversa informal em curso; afinal, não se trata de fornecer uma receita de cozinha, mas de comentar um prato num jantar, ou seja, produzir um juízo avaliativo. “lá com óleos de dendê” é, por um lado, a convocação de um conhecimento partilhado (é do conhecimento comum que a moqueca leva óleo de dendê); por outro, a pluralização de *óleos* (*óleo* é um nome massivo, há apenas um tipo de óleo de dendê) é uma estratégia que reforça esse valor.

Em (15) há claramente um conhecimento prévio sobre a mulher-a-dias ativado por *lá* e que o comentário reativo “pois é” confirma. De facto, não é possível ocorrer uma interação reativa do tipo: “o que é que aconteceu com a mulher-a-dias?” sem que ative uma outra pergunta como reação, do género “então não sabes?”:

- (15) ALU - a que horas ?  
LGM - eh //é que eu /tenho que ir ao avô *lá* por causa /  
ALU - ah //  
LGM - da mulher-a-dias//  
ALU - pois é // (C-ORAL-ROM: ptelpv17)

Deve, no entanto, notar-se que estes usos de *lá* podem ser usos muito idiossincráticos, típicos do idioleto de um locutor, mas pressupõem sempre que há um quadro que os interlocutores conhecem e que é ativado; e a construção da referência faz-se com facilidade sem necessidade de mais especificações, como se explicita no exemplo seguinte, através do comentário (“é lógico”):

- (16) e no tempo realmente da doença/ numa gripe ou de outra coisa qualquer/ alguém me telefonava e me dizia assim// “o que é que está a ler”? eu agradei imenso// claro// *lá* lhe disse os livros que estava a ler// *é lógico*// estou a aproveitar o tempo // (C-ORAL-ROM pnatpr01)

Não dizer tudo aparece como uma estratégia eficaz, e sistemática nos discursos do quotidiano, associada, em particular, a duas estruturas que gostaríamos de salientar:

---

<sup>16</sup> Duarte (2009: 191) faz a análise em termos de implicatura convencional: “...*lá* déclanche une implicature conventionnelle (Grice, 1975)”.

(a) A integração de *lá* em sintagmas indefinidos<sup>17</sup> e a coocorrência com outros marcadores de vagueza que acentuam esse não dizer, por ser saber partilhado ou desnecessário.

- (17) E depois e depois ((hesitação)), pronto, *uns acontecimentos lá*, que ((hesitação)) não gosto muito de coisas trocadas, • • vim vim para Braga. Estive aqui ((hesitação)) (88M4D)

(b) Segundo Duarte (2009: 191), a estrutura sintática constituída por *lá + verbo + sujeito* dá origem a uma implicatura convencional, que permite deduzir uma previsibilidade<sup>18</sup> e pressupõe uma partilha de conhecimentos, o que vai aproximar os interlocutores e facilitar a adesão ao discurso do locutor. Este parece ser um valor básico, que encontramos noutros tipos de estruturas:

- (18) comprei uns sapatos novos //para levar à festa //umas bodas de prata //e tive de acabar/ hhh /com uns sapatos que já tinha em casa //por acaso tinha outros azul-marinho /mas já estafados /que estão lá fora /[...] engraxados //pronto //lá foram //que remédio// (C-ORAL-ROM: pfammn05)
- (19) • • - Senta avó, senta! • • *Lá* tenho que me sentar. - Faz o Ruca, faz o Ruca, faz o Noddy! (70M3B)
- (20) E: • • Espera aí, ele falava de quê, nas aulas?  
I: • • • ((onomatopeia)) Nada, só lia os poemas. - Fazei isto. Tal. • • Nós *lá* íamos nós feitos cãezinhos. (02H1B)
- (21) NAT- ele /fazia parte também /dos escuteiros //ele era /hum hum //o chefe /lá dos escuteiros /a nível nacional /até //e /pronto /era uma pessoa extremamente ocupada // (C-ORAL-ROM: pfammn15)

Em conexão com este saber partilhado e expectável (quase “naturalmente” imposto aos interlocutores, ou inevitável, dadas as circunstâncias), *lá* pode adquirir também um valor de focalizador de uma progressão narrativa que cumpre o *script*. Os exemplos abaixo ilustram esses usos<sup>19</sup>:

- (22) e depois eu /lá / fui à procura dumas moedas que tinha // dei-lhe umas moedas// pá/ e dei-lhe quê/ para aí / cento e cinquenta paus/ ou qualquer coisa //o /correspondente// e ele/ “more / more// não sei

<sup>17</sup> O mesmo acontece com o dístico espacial *aí*. (Marques, 2016). Esta aproximação em determinados usos evidencia a necessidade e interesse de uma análise contrastiva de *lá* e *aí*.

<sup>18</sup> “à partir de la présence de la particule dans les énoncés, qu’un certain événement s’est produit, comme on s’y attendait [...] parce qu’il était prévisible” (Duarte 2009: 191).

<sup>19</sup> O excerto (23) é um exemplo claro da polifuncionalidade de *lá*, que conjuga um valor espacial com este valor estruturador da narrativa e conhecimentos partilhados/expectáveis.

quê// nanana/ nana”// depois começa naquela de ver a câmara// hhh espera aí / [...] depois *lá* lhe + primeiro /recusei um bocado/ depois mostrei-lhe/estilo/a imagem // [...] ele *lá* se pôs a fazer pose/ e *lá* eu me pus naquela / de o filmar // ele pôs-se assim a fazer poses à bruce lee [...] / mas pronto/ o putito *lá* queria dinheiro / e eu *lá* lhe expliquei que não tinha dinheiro/ não sei quê/ nanana nanana// (C-ORAL-ROM pfammn11)

(23) E: ((hesitação)) Como é que o senhor Costa conheceu a sua mulher? • • • Lembra-se? [...]

I: ((risos)) Lembra-me perfeita/ perfeitamente. • • • ((tosse)) A minha mulher estava na cidade *lá* a/ ((hesitação)) • • • isto era, • • • a servir, a servir umas velhotas. • • • Devia ter para aí os meus • • • vinte. Vinte e quatro anos talvez. Vinte e quatro anos, vinte e cinco anos. ((incompreensível)) nessa altura. • • • E ela estava *lá* com umas velhotas ali... • • • Como é que hei de dizer? Ali no largo de São Francisco. • • • Conhece o largo de São Francisco? Ai não é daqui. Estava *lá* com umas velhotitas e tal • • • e eu *lá* ia. *Lá* ia. ((incompreensível)) Ela era cá de Gondizalves também. • • • *Lá* f/ *lá* ia de vez em quando nas horas livres • • • e *lá* contactamos, *lá* tratamos, • • • claro, *lá lá* tratamos nós o nosso namorico e tal. • • • Eu ia *lá* nas horas que podia, que estava livre que de resto ((hesitação)) as senhoras, patroas, estavam a acamadas. Já perto de noventa e tal anos. A minha mulher cuidava delas era. Pronto. E depois • • • elas fale/ faleceram, ela veio para casa, para esta casa já • • • e que era • • • dos avós dela. E ((hesitação)) e depois pronto. O tempo passou resolvemos resolvemos • • • o casamento e não não foi para mais lado nenhum ((hesitação)) aturar ninguém. Aturou-me a mim e pronto. ((risos)) • • • 39H4B

#### **4.3. Lá: modalidade epistémica, responsabilidade enunciativa e atenuação**

No que aqui mais nos interessa, no quadro dos valores ditos “discursivos”, *lá* é ainda usado para marcar um distanciamento do locutor. Em (24), sendo um distanciamento físico (o evento em causa terá ocorrido há muito tempo) é também um afastamento em termos cognitivos que atenua o valor epistémico do enunciado e mitiga desse modo a responsabilização enunciativa do locutor pelo dito, ou seja, o seu comprometimento com a verdade dos factos relatados. O contexto reforça, mais uma vez, esse afastamento epistémico. A probabilidade de a datação ser verdadeira é enquadrada pelo discurso indireto, atribuído a vozes doxais (*diziam*) que fica por completar, pelo modal *dever* e pela estrutura negativa final (*não sei*):

(24) Aqui até diziam que era da... Devia ter cavaliariça. Não é? Do tempo *lá* dos padres. Não sei. (74M3C)

Como refere Briz (2013: 290), a “expressão de dúvida, de possibilidade, de incerteza são táticas que subtraem a responsabilidade” e são também “escudos autoprotetores”. Esta é, no caso vertente, a função nuclear de *lá*. É também o caso de (26). Neste exemplo, *lá* mitiga a validade do enunciado por imprecisão no dizer, o que retira importância à adequação da denominação<sup>20</sup>.

Nestes exemplos em análise, *lá* participa na construção da incerteza que pode incidir sobre o objeto de discurso, por exemplo, sobre a sua localização num tempo mais ou menos indefinido, mas longínquo (24) ou sobre a sua identificação, como em (25) e (26). Nestes casos, são construções indissociáveis de um posicionamento avaliativo que desvaloriza essas dimensões de verdade e adequação denominativa. Em (25) e (26), a incerteza quanto à denominação adequada não invalida a eficácia da comunicação:

(25) E vendeu-nos: - Minha senhora, como é para o colégio, é muito trabalho, muitas lavagens, •• é melhor levar os talheres de alpaca e que não sei quê, não sei que mais ((onomatopeia)) tal. *Ou lá o o material*. Não sei se é alpaca que se diz. Bem, •• e lá comprámos os talheres. •• E depois, mais tarde, saímos do colégio e fomos... (86M4C)

(26) RIT- víamos os cabeçudos//  
ZEB- hum hum //  
RIT- os gigantes /ou lá como é que se chama àquilo// (C-ORAL-ROM, pfamd104)

Estes funcionamentos tornam claro que *lá* marca uma atitude avaliativa de afastamento relativamente à representação linguística do objeto, que traz imprecisão à denominação e atenua a responsabilidade do locutor relativamente à representação discursiva dos factos relatados. E, por isso, funciona como tática de autoproteção.<sup>21</sup> É óbvio que ativa também um saber partilhado, o que põe em evidência a polifuncionalidade e convergência de sentidos do marcador em contexto.

Este eixo semântico-pragmático de *lá* tem como valor polar a negação, a dúvida total, em estruturas como “sei lá” ou “quero lá saber”, que não são

<sup>20</sup> Enquanto metatermo, usamos *denominação*, de acordo com Kleiber (2001: 5): “L’acte de dénomination préalable a pour conséquence l’établissement d’une association référentielle entre X et x, qui est durable, parce qu’elle n’a pas pour but une désignation uniquement momentanée, transitoire et contingente de x, mais vise au contraire à la fixation d’une règle référentielle stable qui permet l’utilisation ultérieure de la dénomination pour la chose dénommée. *L’association dénominative entre X et x a en effet pour résultat l’acquisition d’une compétence référentielle, à savoir la capacité d’utiliser X pour x*”. (itálico nosso)

<sup>21</sup> Estes são usos gradativos substituídos por um valor polar em estruturas de clivagem como no exemplo de Duarte (2009: 194): “Mas lá que são confusas são.”, uma estrutura em que *lá* marca um grau de superlativização.

equivalentes estritos de “não sei” ou “não quero saber”. Com efeito, há um envolvimento – ou afastamento – do locutor, com uma implicação emocional que não pode ser ignorada. A especificidade destas estruturas deriva da conjunção de valores que *sei lá*, ou *quero lá saber* agregam, isto é, da relativização epistémica e do desapego emocional, dois modos de afastamento do locutor no que concerne ao conteúdo do enunciado que comentam.

#### **4.4. A relação com o alocutário: lá um relacionema com função atenuadora**

*Lá* tem ainda função de relacionema. Como refere Kerbrat-Orecchioni (1992), uma parte considerável do esforço comunicativo destina-se a construir a relação interpessoal, que participa do sentido global da interação.

Os valores de *lá* estão relacionados também com a dimensão de cooperação ou desacordo, não apenas globalmente, ao nível da interação, mas também ao nível micro do contexto de intervenção e de cada enunciado:

(27) I: Sei lá, se fosse, •• pronto, não tome a mal o que eu vou dizer.

E: •• Hum hum.

I: *Lá* se fosse duas mulheres lésbicas ou isso que lhe chamam, •• eu ainda aceito. •• Porque são mulheres, •• têm instinto maternal (83M4B)

Em (27), o locutor põe em movimento um conjunto de estratégias de proteção da imagem própria e alheia, que já elencamos, como é a linguagem vaga. *Lá* participa nesse movimento de atenuação, desencadeado por um tema considerado sensível e poderia por isso constituir um ato ameaçador da face do interlocutor (“não tome a mal o que eu vou dizer”).

*Lá* tem ainda uma clara função de criação de uma inter-relação próxima, nomeadamente pela marcação/reforço de um registo informal:

(28) prof: [...] tornar a poesia tão importante ou mais importante que os próprios feitos guerreiros, porquê? porque, *como lá dizia o sá de miranda*, as estátuas de metal caem [...] (corpus A), 2014)

Na construção de relações interpessoais, socio-afetivas, entre os falantes, *lá* tem valores diversos segundo a relação estabelecida é simétrica ou assimétrica (por isso *lá* é um relacionema).

Abordaremos esta questão a propósito das estruturas “diga(-me) lá”; “diz lá” e similares, que ocorrem no contexto de atos ilocutórios diretivos, em interações em sala de aula. Observemos o exemplo (29):

(29) Prof: [...] interessa-me que vocês percebam o que é a intertextualidade.

*Diga-me lá* o que é a intertextualidade em geral? (corpus DS, 2014)

No caso de relação assimétrica característica da interação em sala de aula, o locutor usa *lá* quando está em posição alta (*lá é*, pois, um taxema), não podendo o interlocutor (em posição baixa) fazer o mesmo. Mas, e este é um indicador contextual fundamental, o locutor apenas o faz em contexto de ato diretivo relativamente ao qual o alocutário manifestou ou pode manifestar alguma relutância. Veja-se em (30) a coocorrência de um ato ilocutório de pedido de desculpa com função de prevenção de um *face-threatening act* (Brown & Levinson, 1987). A partícula *lá* modifica o valor do ato diretivo, que assume valor de exortação:

(30) Prof: vai ser o A, vamos lá. a dom simão da silveira. *diga lá*. já sabe, vou interrompendo para comentário, está bem? não leve a mal. (corpus AJ, 2014)

(31) Prof: [...] ou então fazem perguntas e depois damos matéria ou então vão embora não é? O que é excepcional, porque temos o teste. *Façam lá as perguntas que quiserem*. (corpus DS, 2014)

Como interação reativa, constitui uma indicação de disponibilidade do locutor para colaborar na interação:

(32) E: •• Não, ainda tem mais/ainda tem mais um bocadinho para falar consigo  
I: Então *diga lá*. (83M4B)

Temos, portanto, uma relação interpessoal marcada por uma efetiva ou possível tensão, dada a ocorrência de um potencial ato ameaçador da face. *Lá*, sendo marca de informalidade, aproxima os interlocutores e atenua a diretividade, uma atenuação reiterada (33) pelo uso de nós inclusivo:

(33) Prof: [...] o ponto de vista está lá, na pergunta. vamos *lá* sentar. (corpus CP, 2014)

Em contexto académico, esta estrutura alterna com “*diga*”, quando o enunciado em que ocorre é um ato de permissão para um pedido/pergunta anterior do aluno:

(34) Aluno 47: ó professora, posso fazer só uma pergunta? (57.24)  
Prof: *diga* (57.26) (corpus MP, 2014)

Quando os interlocutores estão em posição simétrica, *lá* é usado por qualquer dos interlocutores, constituindo sempre uma *tática* atenuadora da insistência agregada ao ato diretivo, a que se acrescenta um valor exortativo, como já vimos, muito positivo para a face do interlocutor:

- (35) NUN- mas como é que foi /esse episódio mesmo? *conta lá*//  
BRU- pá/ nós estávamos à beira do rio /  
NUN - hum hum //  
BRU- sentados/ naquela /"vamos à água / não vamos"/ C-ORAL-ROM,  
pfammn20)
- (36) I: • • Hum hum.  
E: • • • Mas então, *explica lá* isso, desenvolve isso um bocadinho melhor.  
I: ((risos)) Eu já tive muitas conversas destas e já...  
E: Então *vamos lá* desenvolver.  
I: ((risos)) E dão sempre em discussão. (48M1B)
- (37) NUN - hhh *conta lá* episódios/ dessa cena da vossa viagem de finalistas//  
OCT - já /do /cento cinquenta e um //acho que tu já ouviste /mas eu  
torno a contar (C-ORAL-ROM, pfamd109)

Em qualquer dos casos, de relações interpessoais de simetria ou assimetria, *lá* cria um envolvimento conversacional dos interlocutores favorável à ocorrência da atenuação, o que se poderá talvez relacionar com o valor deítico base, de afastamento, que determinámos para *lá*. E deste modo torna o ato diretivo menos impositivo.

Finalmente, *lá* está ligado à expressão de emoções. Ocorre em atos expressivos, associado à interjeição (34). Nestes casos, é um marcador de admiração, de surpresa, face à intervenção do locutor e, por essa via, de aproximação interpessoal, ainda que não seja atenuador, dado o contexto positivo, de acordo entre os interlocutores:

- (38) I: Era era preciso para aí quatro pessoas para abraçá-los.  
E: • • Eh *lá*! (73M3C)

Mas em atos expressivos, como o pedido de desculpa, a partícula *lá* ganha os mesmos valores que acima determinámos para os atos diretivos, nomeadamente de autoproteção:

- (39) a primeira etapa /o primeiro momento/ é /aquilo /que /em grego se  
chama/ o kerigma //desculpem *lá* de eu falar outra vez desta coisa  
//kerigma// (C-ORAL-ROM, pnatco01)
- (40) Prof: [...] não 'tou a perceber, a pergunta. tem que a reformular (03.50)  
*desculpe lá* [risos]  
Aluno 7: ó professora XXX [a aluna fez uma espécie de amuo, não  
queria repetir]  
Prof: então. vá *lá*. eu não percebi a pergunta. devo dizer. (corpus CP, 2014)



## 5. Conclusões

Retomámos neste trabalho a questão do *deítico* espacial *lá*, para mais uma abordagem que não esgota ainda a questão, dada a complexidade dos seus usos e funcionamentos. Contudo, podemos adiantar alguns resultados que nos parecem fundamentais.

Para além dos usos ao serviço da estratégia de atenuação do falante e do ouvinte (Duarte e Marques, 2014) que hoje retomámos, constatámos que a possibilidade de tais usos tem a ver com eixos semântico-pragmáticos que fomos isolando. Por um lado, *lá* marca um afastamento espacial relativamente ao locutor (e ao alocutário), que pelas suas características está apto a veicular também um afastamento temporal, textual e cognitivo/emotivo.

O espaço partilhado da enunciação (*ca*), a partir do qual se constrói o espaço do *lá*, ativa um eixo de conhecimento partilhado, que permite em contextos particulares ativar valores de imprecisão, de habitualidade, de expectabilidade. A modalização epistémica de atos assertivos é explicada por este contexto de afastamento que desresponsabiliza, ou pelo menos minimiza a responsabilidade do locutor e lhe preserva a imagem. Por outro lado, a ocorrência preferencial em interações verbais orais marcadas por um registo informal está ao serviço de *táticas* de auto e heteroatenuação, nomeadamente na produção de atos diretivos.

A necessitar de mais atenção estão os usos de *lá* em sequências narrativas. Nomeadamente quando encontramos a mesma estratégia em PB, mas com a forma *aí*. A lista, bem longa, de expressões cristalizadas ou semicristalizadas em que *lá* participa, ou ainda a coocorrência com outras “partículas pragmáticas” são duas áreas ainda por sistematizar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, D. (2014). “A Gramaticalização da partícula *lá*”. *Linguística textual e pragmática*. Rio de Janeiro: CIFEFIL.
- Briz, A. (2013). “A atenuação e os atenuadores: estratégias e *táticas*”. *Linha d’Água*, n. 26 (2), 281-314.
- Briz, A. (2009). *Español coloquial en la conversación. Esbozo de pragmagramática*. Madrid: Ariel Lingüística.
- Briz, A. & Albelda, M. (2013). “Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto en común (ES.POR.ATENUACIÓN)”. *ONOMÁZEIN* 28, *Revista semestral de lingüística, filología y traducción* (diciembre de 2013), Pontificia Universidad Católica de Chile, 288-319.
- Brown, P. & Levinson, S. (1987). *Politeness: Some Universals in Language Usage*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Brzozowska-Zburzynska, Beata. 2005. "Los marcadores de la deixis espacial en español y en francés". *ELUA*, 19, p. 65-84.
- Chanet, C. 2003. «Fréquence des marqueurs discursifs : en français parlé : questions de méthodologie ». *Recherches sur le français parlé* 18, p. 83-106.
- Cunita, Alexandra. "De la dimension spatiale à la dimension temporelle: les adverbes *ici* et *là*" in Janeta DRAGHISCESCU (ed.) *Dix Ans de SDU*, Craiova: Editura Universitaria, 2003, p. 70-83
- Duarte, Isabel Margarida. «La dimension modale de *cá* et *lá* en portugais», in *Studii și Cercetări Lingvistice*, vol. LX, București: Editura Academia Română, 2010, p. 179-195.
- Duarte, I. M. & Marques, A. (2014). "Cá e lá: atenuação, reforço e outros valores modais em PE". In Batista, M. de F. Barbosa de Mesquita (org.) *Anais do 1º Congresso Internacional de Semiótica e Cultura (SEMICULT)*, João Pessoa. Mídia Gráfica e Editora, 381-392.
- Fonseca, F. I. (1996). "Dêixis e pragmática linguística". In Faria, I. Hub, Pedro, E., Duarte, I. e Gouveia, C. (org.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 437-445.
- Franco, A. (1988). "Partículas modais da língua portuguesa. Relances contrastivos com as partículas alemãs", *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, série II, vol. 5, 137-156.
- Franco, A. (1991). *Descrição linguística das partículas modais no português e no alemão*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Marques, M. A. (2016). *Foi praí em dezembro [C'était p't-être en décembre]. Registre coloquial, approximation et responsabilisation énonciative*, congresso internacional *Oral 2016: langues romanes*, Universidade Babeș-Bolyai, Cluj-Napoca – Roménia, 13-14 de maio de 2016.
- Martelotta, M. & Rêgo, L. (1996). "Gramaticalização de *lá*". In Martelotta, M., Votre, S., Cezario, M. (org.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 237-250.
- Oliveira, M. & Batoréo, H. (2014). "Construções com pronomes locativos (loc) do tipo locv e vloc no PB e no PE: correspondências e distinções". *Linguística / Vol. 30* (2), 171-208.
- Pereira, M. (2009). *Aspectos semânticos e pragmáticos de aqui, aí, ali, "cá" e "lá" em português europeu*. Dissertação de mestrado. Porto: Faculdade de Letras.
- Raposo, E. Paiva et al. (2013). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Teixeira, A. C. (2010). "Micro-construções e gramaticalização: uma análise a partir de *vá lá* e *vamos lá*", *Rev. Let. & Let. Uberlândia-MG* v.27 n.1, 163-178
- Teixeira, J. (2005). #De cá para lá e de aqui para aí: rede de valores semânticos dos marcadores espaciais cá / lá (acolá) e aqui / aí / ali". In Rio-Torto, G. M., Figueiredo, O. M. & Silva, F. (coord.) *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, vol. I, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 449-460.
- Zorraquino, M. A. & Portolés, J. (1999). "Los marcadores del Discurso". In Bosque, I. e Demonte, V. (org.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa, 4051-4203.